

Como nos tempos de Juscelino

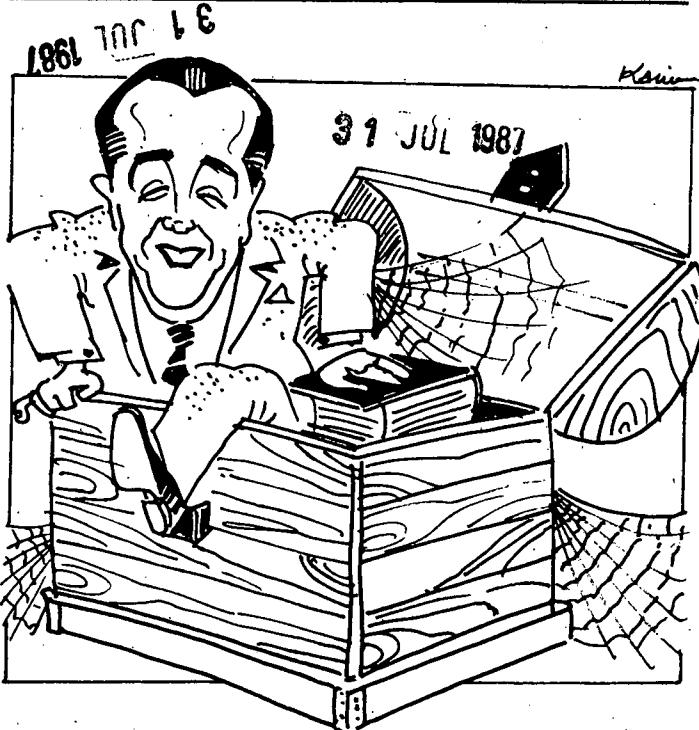
Economia - Brasil

Já regressou o professor Luiz Carlos Bresser Pereira de sua viagem para mostrar aos americanos e aos homens do Fundo Monetário Internacional o seu tão propalado plano macroeconômico. Em tal plano a ênfase maior foi dada à eliminação do déficit público, como se fosse a completa "salvação da lavoura", a redenção de todos os nossos males.

Neste momento gostaríamos de lembrar que a melhor fase da vida nacional, neste século, foi o período governamental do mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira. Durante aqueles cinco anos conhecemos, experimentamos, um grande surto de progresso. Chegamos muito perto do pleno emprego. A indústria e o comércio foram ativados; foram criadas novas indústrias, a automobilística e a naval, libertando-nos de completa dependência do exterior nesses dois setores; foram atacadas grandes obras públicas, construídas as hidrelétricas de Furnas, Três Marias e Cachoeira Dourada; entre as vinte metas governamentais de JK, foram atacados 24 mil quilômetros de estrada de rodagem e três mil de estradas de ferro (só esta meta foi fraca); a produção de aço foi aumentada de um milhão para três milhões de toneladas, a de alumínio elevou-se para 18 milhões de toneladas, antes eram só dois milhões; aumentou-se a prospecção de petróleo e, finalmente construiu-se Brasília, inaugurando-se, por assim dizer, um novo País, abrindo caminhos para a Amazônia e todo o Brasil Central. A edificação de Brasília foi um alento enorme para as indústrias sulinas de cimento, metalurgia, vidro plano,

JK, com o desiderato firme de fazer desenvolver o Brasil, não vacilou em usar

JOSE HELDER DE SOUZA



móveis, aparelhos elétricos, além de ampliação do mercado consumidor incorporando populações que viviam isoladas e marginalizadas do processo econômico e político do País, perdidas nas vastidões interiores.

Tudo isso foi feito com déficit público e sem dar satisfação aos americanos e ao FMI com o qual JK rompeu logo no começo de seu governo. O orçamento geral da União para o exercício de 1958 e 1959 — os melhores anos de nossa vida republicana — era, respectivamente, 130 e 156 bilhões de cruzeiros. O déficit orçamentário era de dez bilhões para 58 e, oito bilhões para 59.

JK, com o desiderato firme de fazer desenvolver o Brasil, não vacilou em usar

a "guitarra", emitindo, mesmo sem fiducia, o dinheiro necessário para atacar suas metas. Mandou às favas os economistas do tipo Roberto Campos e seguiu firme em frente, para felicidade de todos nós. Por esta obra imensa que ergueu, não foi perdoado pelos seus inimigos, entre os quais se alinhavam os imperialistas americanos e os homens do FMI que lhes pastoram o dinheiro ganho com a espoliação de outros povos.

Hoje, aprofundando a dívida pública, o Governo, numa prática inaugurada pelos que sacrificaram, em 1964, o construtor de Brasília, lança no mercado financeiro as Letras do Banco Central, num processo muito mais inflacionário que a emissão de moeda.

Tais letras, seja qual for o nome, só interessam aos especuladores, ao grande capital que as negocia e se sacia nos lucros fáceis. JK é que estava certo. Esta história de cortar déficit parece muito com recessão, não nos interessa; interessam-nos obras públicas. Interessam, permanentemente, ao Brasil, a construção da Estrada de Ferro Norte-Sul e a do Centro-Oeste.

Está interessando muito ao Nordeste, que enfrenta um angustiante rationamento de energia, a construção das hidrelétricas do São Francisco e do rio Poty a implantação de usinas de aço, para lá, na região, ser beneficiado o minério de Carajás. O Nordeste precisa também de melhorias e ampliação da rede ferroviária.

O Brasil todo, crescendo populacionalmente a cada minuto, está reclamando, em todos os cantos, empreendimentos, grandes investimentos estatais, inclusive para promover a reforma agrária e mudar a vida miserável de milhões de brasileiros. Não importa que se tire esses bilhões de que precisamos da famosa "guitarra". Todas aquelas obras edificadas por Juscelino, e que não foram financiadas por papéis do mercado financeiro, se pagaram muitas vezes, como Brasília, como a Belém-Brasília e tantas outras de interesse permanente para toda a Nação. Mandem novamente às favas os economistas e os que temem os arreganhos do Fundo Monetário Internacional, que só defende os interesses da plutocracia e do imperialismo, a dívida externa como nova forma de colonialismo. O resto é silêncio.